

Liturgia Dominical
XXII Domingo do tempo comum
Humildade, marca dos discípulos de Cristo.

Pe. Valdenício Antonio da Silva

“O Senhor disse: “**Eu vi**, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. **Ouvi** o seu clamor por causa dos seus opressores; pois **eu conheço** as suas angústias. “Por isso desci a fim de libertá-los da mão dos egípcios, e para fazê-los subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel.” (Ex 3,7-8). A Bíblia estabeleceu alguns momentos como referência para a história do Povo de Deus. A saída do Egito, de certa forma, foi posta como o “evento fundador de Israel”. Israel toma consciência de que é o Povo de Deus a partir deste momento emblemático. Sob o ponto de vista da fé, os filhos de Israel, viverão o presente tendo seus olhos voltados para este momento, atualizando-o. Sempre entenderão que são o Povo do Êxodo, Povo tirado do Egito por Deus. Também o Novo Testamento repousa sobre este conceito.

Quando Israel se achava relegado a mais baixa das posições em que os seres humanos podem se encontrar só restava, além disso, a morte. Deus, do alto de sua imanência o vê, ouve o seu grito, toma conhecimento da sua dor e decide descer. Sua descida tem duplo valor, Ele é capaz de ir ao “fundo do poço” por causa de um Povo e o faz subir para outra situação, mais que para outra terra. Ao longo das Escrituras encontraremos referências a este fato e sua aplicação com acento moral e ético. De maneira especial, a literatura sapiencial, preocupada em estabelecer regras práticas de vida, se serve largamente deste conceito. “Grande é a glória do Senhor! O Senhor é excelso! Ele vê o humilde, e conhece o soberbo de longe.” (Sl 138,5-6).

O livro do Profeta Isaías medita sobre a atitude de Deus e profetiza que assim se fez no Egito. Ele fará no fim da história, estabelecendo este elemento com um traço marcante da escatologia judaica: “O olhar altivo do homem se abaixará, a altivez do varão será humilhada; naquele dia o Senhor será exaltado. Porque haverá um dia do Senhor dos Exércitos contra tudo o que é orgulhoso e altivo, contra tudo o que se exalta, para que seja humilhado.” (Is 2,11-12).

É com referência a estas afirmações que podemos entender a primeira leitura de hoje, do livro de Eclesiástico 3,19-21.30-31. Ao se revelar, mostrando sua identidade, Deus de elevado acima de toda a criação foi capaz de ser “humilde” de descer à pequenez. Seu jeito de ser combina muito mais com o do pequeno e humilde do que com o do soberbo e elevado, detentor de honras. É a Israel, ao Povo escravo que Deus se junta, não ao faraó sentado em seu trono. Visto a partir de Deus, a posição de grandeza do faraó, postado como um deus, julgando-se senhor da vida e da morte de Israel é uma posição idolátrica. Assim é a posição de todo aquele que se eleva, assume a posição de um deus e julga-se, em geral, detentor do poder sobre a vida dos que com ele se relaciona. Eis a razão da oposição divina ao orgulhoso e de sua escolha pelo humilde.

A tradição rabínica pós-bíblica, também trabalhou o fato, falando da sarça: “O Santo Bendito escolheu uma simples sarça para fazer brilhar a Luz Divina em lugar de outras árvores lindas e majestosas, para dar aos homens o exemplo da humildade”. (Sotah 5). O Povo de Israel deve ser simples entre as nações, como é a sarça entre as árvores. O Senhor apareceu sobre a sarça, um espinheiro sem valor como madeira, para mostrar que a Presença de Deus se manifesta nos lugares mais humildes.

O texto do Evangelho aborda a mesma temática (Lc 14,1.7-14). Tendo como pano de fundo um banquete. O capítulo quatorze se desenrolará com este cenário de fundo. Relacionado com este cenário são apresentadas três questões: o ingresso no banquete (14,1); a escolha dos lugares (14,7); e os convidados (14,12-14).

A festa de casamento ou banquete pode ser refletida a partir da visão escatológica exposta por Isaías (Is 25,6-9). Este caráter escatológico pode ser intuído, devido ao fato de não poucas vezes a imagem do casamento ser evocada nas Escrituras para falar de Aliança: “Porque o teu esposo será teu criador” (Is 54,5). Sobretudo pensando no aspecto da humildade evocada pelo texto, podemos recorrer às palavras de Maria no início do Evangelho de Lucas: “Agiu com a força de seu braço. Dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs do trono os poderosos, e a humildes exaltou.” (Lc 1,51-52). Aparece aqui a imagem forte do êxodo “agiu com a força de seu braço”. O cântico de Zacarias é mais explícito no conceito escatológico: “Bendito seja o Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo, e suscitou-nos uma força de salvação na casa de Davi, seu servo, como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas”. (Lc 1,69-70)

O livro dos Provérbios aconselha uma postura semelhante àquela evocada pelo texto de Lucas: “Não te vanglories na frente do rei, nem ocupes o lugar dos grandes; pois é melhor que te digam: “sobe aqui!” do que seres humilhado na frente de um nobre.” (Pr 25,6-7). “Aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.” (Lc 14,11). Nestas palavras, que concluem a primeira parte do texto, Jesus parece exortar que a posição a ser ocupada por seus discípulos na mesa do reino é um dom; mais que uma conquista. Esforçar-se por ocupar posições privilegiadas implica em julgar-se superior aos outros, ou seja, dotar-se da capacidade de decidir sobre a vida de quem nos cerca. Toda decisão, que implica a vida, que não seja justa reveste em prejuízo para a parte mais fraca. Quem a princípio estipula o lugar dos comensais é o dono da casa. No banquete escatológico é Deus.

Se por outro lado quisermos agradecer o dono da casa, no que se refere ao Reino de Deus, devemos agir como ele que olha para o humilde. “Quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos”. Agir como Deus é fazer comunhão e declarar-se parte do seu Povo. Sendo assim, não é possível que no Reino não se encontre um lugar para aqueles que agem segundo a vontade de Deus. Assim a ação histórica do discípulo deve necessariamente ser reflexo da ação divina. A fonte motivadora de nossas escolhas são as escolhas de Deus.

Oração: Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó. Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Senhor da história e fonte da vida. Faça que contemplando o teu jeito de ser nos coloquemos à disposição de tudo àquilo que edifica e recupera vidas. Que em todas as nossas escolhas tenhamos os olhos voltados para a tua maneira de agir. Amém.